

WÜSTER, Eugen (1979): *Einführung in die Allgemeine Terminologielehre und Terminologische Lexikographie*. Wien, New York.

Bibliografia complementar:

1. *Terminology Science & Research*, Jahrgänge 1989-2000.
2. Normas (DIN, Önorm, etc.) como as Normas ISO do TC 37.

POR UMA TERMINOLOGIA TEXTUAL¹

Didier BOURIGAULT² e Monique SLODZIAN³

Tradução: Sandra Dias Loguercio⁴

Revisão: Elsa Ortiz⁵

Resumo: Este texto retoma de maneira sintética o seminário apresentado na abertura da terceira jornada de Terminologia e Inteligência Artificial (TIA). Trata-se da análise, realizada pelo grupo TIA, de novas implicações práticas, teóricas e metodológicas da Terminologia. No plano prático, o aumento das necessidades em terminologia nas empresas e nas instituições é acompanhado por uma considerável ampliação qualitativa da gama dos produtos de base terminológica necessários para suprir essas necessidades; estas, por sua vez, acarretam mudanças profundas na prática terminológica. A atividade de construção de uma terminologia é, no entanto, essencialmente uma tarefa de análise de corpora textuais; ao mesmo tempo, exige uma renovação teórica da Terminologia: é no âmbito de uma lingüística textual que devem ser fixadas as bases teóricas desta disciplina.

Palavras-chave: terminologia; teoria da terminologia; terminologia textual; lingüística de *corpus*; engenharia do conhecimento.

1 Introdução

Este texto constitui um resumo do seminário apresentado na abertura da terceira jornada de *Terminologia e Inteligência Artificial*. Os pontos de vista aqui mencionados resultam de discussões e reflexões feitas

¹ Traduzido com a permissão dos autores a partir do texto em francês "Pour une terminologie textuelle" publicado em *Terminologies Nouvelles* n° 19, 1999.

² Equipe de recherche en syntaxe et sémantique, CNRS (Centre national de recherche scientifique), Université de Toulouse Le Mirail.

³ Centre de recherche en ingénierie multilingue, Institut national des langues et civilisations orientales, Paris.

⁴ Aluna de pós-graduação, Instituto de Letras, UFRGS.

⁵ Professora do Instituto de Letras, UFRGS.

ao longo de vários anos no âmbito do grupo TIA, que, considerando a complementaridade disciplinar de seus membros e de sua experiência conjugada no campo da Terminologia, tem condições de oferecer uma análise suficientemente completa e equilibrada das novas implicações práticas, teóricas e metodológicas da Terminologia. Observemos, porém, que, dado o caráter inovador e a riqueza que sustentam essa nova temática, inúmeras questões permanecem em aberto e continuam a ser debatidas dentro do grupo.

2 Aplicações da terminologia: situação atual

Multiplicam-se as necessidades terminológicas em empresas e instituições. Com a utilização generalizada de ferramentas de *bureautique*⁶, a internacionalização de intercâmbios, o desenvolvimento da Internet e a produção de documentos na forma eletrônica aceleram-se continuamente. Ora, para produzir, difundir, pesquisar e explorar esses documentos, as ferramentas de gestão de informação necessitam de recursos terminológicos. Além do crescimento quantitativo da demanda, um dos impactos essenciais dessas evoluções na prática terminológica é o considerável aumento qualitativo da gama de produtos de base terminológica necessária para suprir essas carências. Junto às bases de dados terminológicos multilíngues clássicas, para auxílio à tradução, vêem-se surgir novos produtos terminológicos adaptados às novas aplicações da terminologia ao trabalho:

- tesouros para sistemas de indexação automática;
- índices estruturados para documentações eletrônicas;
- terminologias de referência para sistemas de redação assistida;
- referenciais terminológicos para sistemas de gestão de dados técnicos;
- ontologias para as memórias de trabalho ou para sistemas de decisão assistida;
- redes lexicais especializadas para ferramentas de busca temática na Web;
- glossários de referência e lista de termos para ferramentas de comunicação interna e externa;
- bases de conhecimentos terminológicos para descrição de *corpus* de referência, etc.

⁶ Conjunto de técnicas que visam a automatizar os trabalhos de escritório. (N. de T.)

A extensão dessas aplicações leva a tratar, com a ajuda de ferramentas, quantidades consideráveis de documentos. Essa mudança de escala evidencia fenômenos fortemente subestimados até então.

É dessa forma que a constatação da variabilidade das terminologias se impõe: considerando uma área de atividade, não há UMA terminologia que represente O conhecimento dessa área, mas tantas terminologias quantas forem as aplicações nas quais estas forem utilizadas. Diferem quanto às unidades coletadas e quanto à sua descrição, conforme a aplicação visada. Por outro lado, o crescimento terminológico, gerado pela proliferação de conhecimentos em todos os sentidos, acarreta a necessidade de atualizações permanentes, caso se queira responder às necessidades dos usuários.

A constatação dessa variabilidade resulta no questionamento do princípio da universalidade das terminologias. A experiência mostra, na verdade, que uma terminologia elaborada para uma aplicação em um dado momento nunca é idêntica àquela construída para uma outra aplicação. Esses limites resistentes à possibilidade de reutilização não excluem relações de inclusão ou de sobreposições parciais entre terminologias voltadas a aplicações distintas em uma mesma área de atividade.

O conjunto dessas constatações empíricas provoca mudanças profundas na prática terminológica: a atividade de construção de uma terminologia é, apesar disso, essencialmente uma tarefa de análise de *corpora* textuais. Implica, ao mesmo tempo, uma renovação teórica da Terminologia: é no plano de uma lingüística textual que devem ser fundamentadas as suas bases teóricas.

3 Novas práticas terminológicas

A atividade de construção de uma terminologia torna-se, antes de mais nada, uma tarefa de análise de *corpora* textuais. Há duas razões fundamentais para isso:

- As aplicações da Terminologia são mais freqüentemente aplicações textuais (tradução, indexação, redação assistida); a terminologia deve “vir” dos textos para melhor “retornar” a eles. É justamente porque ela nunca é desvinculada do texto que se fala em “terminologia textual”.
- É nos textos produzidos ou utilizados por uma comunidade de especialistas que estão expressos e, portanto, disponíveis uma boa parte dos conhecimentos compartilhados por essa comunidade; é, pois, por aí que se deve começar uma análise.

A experiência mostra que a hipótese segundo a qual o especialista de uma área seria o depositário de um sistema conceitual e que lhe bastaria apenas revelá-lo não é produtiva. A tarefa de análise terminológica visa, então, acima de tudo, à construção de uma descrição das estruturas lexicais, existentes em um *corpus* textual a partir de uma análise baseada nesse *corpus*.

Essa tarefa não será realizada com sucesso se contar somente com especialistas. A mediação de um analista (lingüista terminólogo, cognicista) é essencial, em primeiro lugar, porque se está demasiadamente preso a seus próprios usos linguageiros; é o mediador que garante a distância necessária à análise. Em segundo lugar, a pluralidade das práticas no interior do que se costumou chamar “área” leva a pontos de vista diferentes sobre o léxico (preferências, rejeições, divergências a respeito da definição) que é preciso arbitrar. A divisão do trabalho lingüístico no interior de um projeto dessa natureza requer, pois, um mediador que seja responsável pela aplicação.

Para cada unidade escolhida, o analista constrói uma significação (tipo) a partir das concepções (ocorrências) atestadas pelo *corpus*. Nessa tarefa, ele é orientado, primeiramente, pelo *corpus* (especificidades lexicais) e, depois, pela aplicação (utilização das descrições). O especialista deve ser considerado como um parceiro do lingüista terminólogo, mantendo uma relação de colaboração; ele é solicitado para validar as descrições construídas por este.

A área deve estar relacionada a uma prática, dominada por uma comunidade de especialistas. Como ação (instrumentalização do saber próprio à técnica), a prática não procede de conhecimentos estáticos, vinculados a expressões lingüísticas bem estabilizadas.

Antes da tarefa de descrição lexical, a constituição do *corpus* de referência é uma etapa essencial de responsabilidade do lingüista terminólogo. Trata-se de coletar e caracterizar um conjunto de textos julgados pertinentes para a aplicação visada.

Diante da massa dos dados a ser analisada e dos prazos impostos, a tarefa de análise do *corpus* pode ser programada somente contando com a utilização das ferramentas da terminologia textual (concordância, extratores de candidatos a termos, extratores de relações de candidatos, marcadores, etc.). A utilização dessas diferentes ferramentas deve ser orientada por uma metodologia que determine em qual estágio do processo e segundo quais modalidades convém utilizá-las.

4 Renovação teórica

Essas mudanças profundas da prática terminológica demandam uma renovação teórica. As proposições teóricas e metodológicas

apresentadas a seguir têm bases empíricas; originam-se de uma análise das novas práticas da terminologia e almejam aperfeiçoá-las. Não se trata, pois, de fundar um novo dogma, mas de suscitar linhas de pesquisa variadas no campo da Lingüística, em que cada um poderá contribuir para esse objetivo.

Proposição 1: objeto empírico de uma lingüística textual, o texto é o ponto de partida da descrição lexical a ser construída. Parte-se do texto para o termo. As bases teóricas da Terminologia devem ser fundamentadas em uma lingüística textual.

Proposição 2: o termo é um construto. É o produto de um trabalho de análise, conduzido pelo lingüista terminólogo cujas escolhas são orientadas por uma dupla exigência de pertinência:

- Pertinência relativa ao *corpus*. Trata-se de coletar e descrever estruturas lexicais que apresentem características ao mesmo tempo específicas e estáveis. É nessa etapa que deve intervir a validação do especialista.
- Pertinência relativa à aplicação. As unidades finalmente coletadas devem sê-lo em função de sua utilidade na aplicação visada, expressa em termos de economia e de eficácia. A validação deve ser buscada pelos usuários da aplicação.

A tarefa de descrição lexical é um trabalho de fixação, de estabilização, de homogeneização de uma significação cujo resultado é o termo. Trata-se de construir um tipo (uma significação estável) a partir das ocorrências manifestadas no texto. É assim que podemos nos referir à *normatização*, não mais no sentido de planificação terminológica, mas no sentido em que a comunidade de especialistas “aprova” significados como termos da área.

O resultado da descrição pode apresentar-se de diversas formas: redes, lista, glossário, etc. Não há um formato canônico. Os nomes não são as únicas unidades lexicais a serem descritas. Ao atribuir ao termo a função de denominar os conceitos, a Terminologia clássica privilegia os nomes. Quando nos afastamos dessa abordagem referencial extremamente limitada, temos condições de acolher as outras categorias do discurso (verbos, adjetivos, advérbios, preposições, conjunções), bem como unidades lingüísticas mais abertas (sintagmas nominais, verbais, etc.).

5 Considerações finais

A mudança metodológica, imposta pelo trabalho baseado em *corpus*, gera uma série de embates que desestabilizam os fundamentos da doutrina wüsteriana, marcadamente referencial (a palavra como etiqueta do conceito) e taxionômica (primazia da relação genérica/específica).

É ilusório tentar reestruturar a doutrina: o postulado de uma significação concebida como limitada ou limitável, objetivante e permanente, que caracterizaria o termo *a priori* é antinômico a uma terminologia textual. As reformulações teóricas superficiais que surgiram nesses últimos anos são vãs: a noção de “fraseologia”, particularmente, não pode salvar o postulado doutrinário do termo na medida em que é um viés pragmático para desviar da questão do contexto e da unidade terminológica.

Os termos não são “unidades de conhecimento” que viriam “habitar a língua”. A tarefa de análise terminológica não é, pois, um exercício de redescoberta de um sistema nocional preexistente que caracterizaria a área. As noções não têm anterioridade ou prioridade em relação às palavras: a terminologização é um processo paralelo à elaboração conceitual.

A Terminologia deve desvincular-se de uma semiótica do signo fundada na tríade termo/conceito/referente que a torna inapta a abordar o texto. Essa crítica ao reducionismo referencial está em alta na filosofia da linguagem. As solicitações para desfazer o nó dos postulados logicistas - o positivismo lógico que alimentou a doutrina, tendo sido questionado desde o final dos anos 60 - chegam a nós de vários lugares (Putnam, Auroux, Eco, por exemplo)⁷.

Pode-se constatar, por outro lado, que os novos conhecimentos são mais efêmeros e compartilhados por comunidades restritas fora das quais não circulam. Está-se longe da concepção idealizada da área como fragmento de conhecimentos bem estruturados, permanentes e claramente circunscritos.

Não se pode mais dizer que a significação do termo é definida pela posição do conceito no sistema conceitual correspondente, a partir do momento em que se questiona a representação metafísica de um sistema conceitual preexistente, representável pela árvore de domínio.

Também é ilusório submeter-se ao referente, inclusive nas áreas técnicas que manipulam artefatos. A própria descrição de um objeto técnico é submetida ao ponto de vista imposto pela especialidade do profissional. É no final da cadeia, normatizando-se o termo, que lhe é estabelecida uma referência.

Assim que se abandona a abordagem logicista do termo, estreitamente relacionada a uma semântica vericondicional, reconsidera-se o estatuto da definição, que deixa de ser o resultado de um procedimento lógico, metalingüístico. A definição deve ser coerente com os sentidos

⁷ As referências bibliográficas não são fornecidas no texto de partida. (N. de T)

contextuais (validados no *corpus*) e pertinente em relação à aplicação (como está inscrita em uma aplicação, ela integra os objetivos comunicacionais e deve ser “localizada”).

Contrária a uma abordagem estreitamente onomasiológica, “a pedra no sapato” do lingüista, a abordagem textual abre as portas a todas as experiências da análise lingüística e textual (ultrapassando-se assim a visão limitada das LSPs⁸).

A abordagem textual é descritiva (analisa-se o funcionamento de unidades lexicais no *corpus*) e não mais normativa: as implicações do planejamento lingüístico, por mais legítimas que sejam, estão dissociadas do trabalho terminológico propriamente dito. O objetivo primeiro da Terminologia clássica era a normatização das linguagens técnicas por meio da fixação *a priori* da significação das palavras. Os textos reais, que proliferam e circulam em todas as direções, alterando as fronteiras entre as áreas, questionam esse projeto de, antes de tudo, colocar ordem nos termos. Tal programa de regulação prescritiva é contraditório pelo caráter fundamentalmente aberto dos textos e de seus signos. A constatação da plasticidade do que é dado lingüisticamente conduz a uma nova fundamentação de uma “boa prática terminológica” sobre o descritivo.

Para concluir

A atualidade da questão terminológica ao longo das transformações ocorridas, no que diz respeito à escala e ao ritmo de produção, bem como a dimensão das necessidades, exigem uma renovação teórica e metodológica. Permitindo abordar sistematicamente o estudo das práticas textuais reais, a lingüística de *corpus*, com suas técnicas e ferramentas, possibilita o acesso às expressões lingüísticas concretas de onde será possível fazer emergir e depois normatizar os termos pertinentes. Trata-se de uma excelente abertura para uma reflexão teórica e metodológica, principalmente porque a questão dos procedimentos lingüísticos, pressupostos por essa abordagem, ainda não foi muito investigada. O grupo TIA pretende participar desse debate com plena consciência da complexidade de tais implicações.

Da mesma forma que a lingüística não pode cobrir sozinha todo o processo de modelização dos conhecimentos, fornecendo a terminologia adequada à aplicação, o lingüista prepara o trabalho de representação conceitual, mas não se responsabiliza pela tarefa de modelização dos

⁸ Linguagem para fins específicos. (N. de T)

conhecimentos que levará à construção de uma ontologia. A mediação é feita pela engenharia do conhecimento. O grupo TIA se inscreve na necessária cooperação interdisciplinar entre lingüistas e engenheiros do conhecimento.

A TERMINOLOGIA SEGUNDO UMA ABORDAGEM TEXTUAL: UMA REPRESENTAÇÃO MAIS ADEQUADA DO LÉXICO NAS LINGUAGENS DE ESPECIALIDADE¹

Pierre AUGER e Marie-Claude L'HOMME²

Tradução: Cristina de Campos Velho Birck³

Revisão: Patrícia Chittoni Ramos Reuillard⁴

INTRODUÇÃO

Tradicionalmente, a lexicografia e a terminografia foram isoladas do estrito domínio da lingüística, em parte devido à exclusividade dada por essas disciplinas ao tratamento apenas da palavra (ou do termo), em parte também devido ao empirismo de sua abordagem, uma vez que as duas disciplinas preferem debruçar-se sobre as práticas artesanais seculares. O lugar recente atribuído na informática ao desenvolvimento de sistemas de informação baseados numa formalização dos conhecimentos e de sua exploração, particularmente em áreas que tangem às ciências ou às técnicas, trouxe novamente à tona a questão do papel fundamental do termo (e *a fortiori* dos sistemas terminológicos) no processo cognitivo humano. Nessa abordagem, a palavra (termo), longe de ser tratada como uma unidade isolada, é indissociável do texto que a encerra e lhe dá seu sentido (conteúdo cognitivo). Assim, inúmeras aplicações da lingüística moderna utilizam, entre outras ferramentas lingüísticas, dicionários terminológicos estruturados: os sistemas especializados são desse gênero. Aqui, o termo é

¹ Traduzido com a permissão dos autores a partir do texto em francês "La terminologie selon une approche textuelle: une représentation plus adéquate du lexique dans les langues de spécialité", publicado em *ALFA* Volume 7/8 (Actes de langue française et de linguistique de l'université Dalhousiana, Halifax, Canada). 1994/95: pp. 17-21.

² Université Laval.

³ Bacharel em Letras – Tradução, Instituto de Letras, UFRGS.

⁴ Docente do Instituto de Letras, UFRGS.